

FERNANDO RIBEIRO

CAFÉ

KANI

MAMBO



Não fora a injustiça, o homem nunca conheceria a justiça.

HERACLITO

1

— **S**e não acertares, não bebes! — diziam-me aqueles filhos da puta, sentados ao corrido dos bancos.

Eu sabia que não era bem assim.

Mesmo que não acertasse, bebia.

Bebia era menos, e por isso semicerrei os olhos e tentei focar a baliza. Por trás da janela, encostado à máquina de café, estava o Velasques, o que vinha de férias com a família, mas que não descansava e nem sequer ia à praia. De manhã, depois de matar o bicho, punha-se a servir cafés e bagaços. Depois ia almoçar e vinha outra vez, toda a tarde naquilo. Ao jantar, depois de comer à pressa e ralhar com a mulher e os filhos, sabe-se lá porquê, ali estava ele a trabalhar sem receber, sabe-se lá porquê. Assim são alguns chefes de família.

Mal lhe via o bigode, lá do outro lado da rua, de costas para o talho, com a bola de borracha dos putos, vazia de ar perante o castigo do sol, o esférico mal-assente na poeira da estrada. Em todo o caso, ele, o Velasques, ajudava-me a afinar a pontaria. Quanto maior a moeda, maior o copo. Mas o meu desporto era outro.

O Velasques recuou até à máquina de café e ficou à espera de que eu chutasse a bola vazia, lá de longe como o caralho, do meio da rua, e a enfiasse naquela abertura quadrada da barraca a que eles chamavam café. Os homens saboreavam o cheirinho matinal da bica. Davam-me sede, aqueles pelintras.

Chateava-me os cornos o seu pequeno grito de: «O gajo não vai conseguir, hoje não está nos seus dias», como se aqueles dias todos não fossem meus por direito, caralho, eu que passava ali o ano, com uma sede de cão, a secar-me por dentro, à espera dos fins de semana e do verão, da bola mole dos putos, de que a poeira assentasse, depois da molha da camioneta que vinha vender o gelo de manhã, escorrendo um rasto da água para o chão, a humedecer o recinto, antes de eu rematar à baliza.

Olhei para eles e gritei:

— Vale antes uma garrafa?

Eles protestaram, mas, em atitude de desafio, puxei a bola uns valentes metros para trás, quase no limite do outro lado da estrada, ao pé da portinhola do quintal que dava acesso ao talho. Eles riram-se.

— Vais ficar às escuras, hoje.

O chefe dos Marretas, sem ter de perguntar a ninguém, fez que sim com a cabeça ao Velasques, e este pegou numa garrafa de bagaço que estava atrás do balcão. Eu, sorrindo cinicamente para eles, dei uns passos à direita, em curva para trás, pé ante pé, com os dedos dentro das sapatilhas rotas, a combinarem entre eles, se chutas tu, se chuto eu, com qual dos pés, que se fodesse, eu chutava com os dois, que se fodesse, ia com o esquerdo.

Corri para a bola como se um elástico me desse balanço. Três passadas rápidas, depois desacelerei, e pumba, espetei-lhe com o peito do pé, um pouco por baixo, a bola estava vazia, mas levantou-se no ar, ultrapassou a vedação, descrevendo um efeito esquisito, parecia até que ia sair da órbita dos olhares dos homens nos bancos, mas nisto, a baliza chamou-a, nem lhe ouvimos o assobio, a bola começou a desfazer a amplitude do arco e a descer em flecha, direita à janela onde estava o Velasques, já à frente das garrafas expostas para as proteger do estoiro, ele sabia que a bola ia entrar, e entrou mesmo, aterrando aos seus pés. O Velasques levantou a bola, rindo com ela nas mãos:

— Paguem, Marretas! — arriscou o Velasques.

E o chefe dos Marretas pagou e alguém gritou, com o entusiasmo que temos quando se humilha os outros: «Golo do Benfica!»

Atravessei a estrada com os braços caídos ao lado do corpo.

— Vai gozar com o caralho, filho da puta! — atirei a um daqueles merdas, e peguei na garrafa de bagaço, que estava no parapeito da janela, onde o Velasques a pusera. Emborqueei o sete e meio quase de uma vez, à *cowboy*, deixando cair bagaço pelas barbas abaixo, nos pelos do peito, estava tão fresquinho, soube-me pela vida.

— Eh, pote! — gritava o espertalhão. — Estavas com sede.

Agarrei na bola, fui na direção dele e, cuspendo-lhe o vapor do bagaço na minha fala, atirei para a mesa dos Marretas:

— Subimos a parada?

O Velasques foi lá dentro buscar uma moldura vazia de madeira, peguei na bola, atravessei a estrada em marcha-atrás... paga, Marreta, duas garrafas agora. Meti a bola no sítio, tirei as medidas ao quadrado de madeira que o Velasques segurava dentro da tasca, andei para trás, um arrote subiu-me no peito, ainda estava cheio de sede, comecei a correr e chutei, acertando em cheio no meio vazio da moldura que o Velasques segurava nas mãos a rir.

Golo do Benfica, filhos da puta.

2

A namorada do Raça, a Sandra, ouviu-lhe os acordes matinais da motorizada, a ecoarem quinta fora.

— Porque será que chamam quinta a esta merda? — pensou em voz alta enquanto imaginava as poeiras pedregosas da terra batida sob os pneus fininhos do velocípede. Que horas seriam? Parecia que ainda agora se tinha deitado, caramba.

A flanela do lençol dividia-lhe as coxas. O Raça dera-lhe um beijo madrugador.

— Deixa-te estar.

Ela gemeu qualquer coisa, não se sabe se um «já»... ou um «anda cá»... mas ele fingiu que não ouviu o canto da sua sereia. A Sandra namorada virou-se de barriga para baixo e puxou os lençóis para melhor lhe definirem o rabo magnífico. Rememorou o sabor dos lábios do Raça namorado, ainda sem o travo da nicotina, sem a nuvem do fumo do futuro, que, mal acordado, já se condensara entre eles, separando-os às primeiras horas do dia.

Cá fora, no sítio do costume, o Raça pendurava outro cigarro nos beiços antes de dar ao pedal da mota. Assim que o motor pegava, chupava no cigarro, inalando o vapor do gasóleo pelas narinas abertas.

Respirava fundo. Um dia, explodiria.

Arrancava agora, deixando a Sandra namorada e o vinagre do seu corpo para trás. Era um homem, caralho, tinha de ir trabalhar, ela que

ficasse lá no quentinho da flanela, na quinta que não era uma quinta, na cama que pouco mais era que uma tarimba de namorados, naquele momento só dela, todo feito de coxas, de lençóis, de nádegas, feito dos desejos de quem não tem responsabilidades.

Ele nunca se fartava dela, mas não podia dizer o mesmo das irmãs, da puta má da sogra, do bêbedo do sogro. Farto até ao caralho daquelas intrigas de família, ele que não tinha pai, nem mãe, nem ninguém para lhe chatear os cornos. Tinha saído da escola para ir bulir, para pagar as cenas dele, o tabaco, as revistas, os concertos. Morara com os tios, mas agora já não se falavam. Nunca gastara um tostão com as putas do caminho até ao trabalho. A ele não lhe viam um tusto. Não precisava delas. Nem deles. Tinha aquele cuzinho criado com o frango assado da Margem Sul. Era um homem, caralho, não ia às putas. Ele era um homem, caralho, tinha tirado a carta de mota, de carro, de pesados. Só se sentia bem aos comandos de uma máquina. Era assim mesmo. Um homem, caralho.

Metia as mudanças com o pé esquerdo, sempre a subir, o barulho do escape a acordar o pessoal... bem feita, cabrões, vão mas é trabalhar. A motorizada a dobrar as esquinas dos bairros sociais, onde ardiavam as primeiras fogueiras do dia... sempre na queima do lixo, aqueles... aproximava-se daquela parte da estrada cheia de melgas e de moscas, a viseira do capacete em baixo, «tenho de comprar uma mota como deve ser», a embraiar com a esquerda, a controlar a curva, a ultrapassar os carros, já por todos os lados, filhos da puta dos enlataados, sempre parados no caralho da estrada, já a ferverem ovos na cabeça.

O alcatrão passava, interrompendo-se nas ervas e nas azedas aos molhos. Dava-lhe sempre vontade de mijar, aquela viagem.

No Marco do Grilo, estacionou a mota no estaleiro e foi beber um café. Já lá estava o pessoal:

— Então, Raça, ao menos bom dia! — atirou um, sem lhe dar tempo sequer de formar essas mesmas palavras.

— Bom dia, meus senhores. Passaram bem a noite?

Passaram bem a noite ao pé das chatas das vossas mulheres, da merda dos vossos filhos, a chumbarem por faltas. Tudo bem, meus caros senhores, atrasados de merda, ainda aqui a fazerem sala em vez de estarem já a passar tijolo ou massa, ainda aqui armados em bons... pensou, mas não disse.

— Bom dia, senhor Mendes. Um café, por favor — pediu o Raça.

Os outros, já nas minis, alguns já com bagaço a escorrer pelo pescoço.

— Bom dia a todos. Vamos embora?

E lá foram, às curvas pela estrada dos pinheiros, pela reserva sem redes, pela base dos americanos, pelo seu segredo de arame farpado, pelas poucas casas espalhadas pelo verde pinho. Lá foram eles, era dezanove de maio daquele ano tal e tal. O Raça ia pegar na máquina e abrir a Lagoa. «Bom dia, meus senhores. Agora saiam-me da puta da frente.»

3

O senhor Braz vivia rodeado de felicidade mas não era feliz. Era dono de uma loja de brinquedos em Benfica, ao pé da Caixa Geral de Depósitos, paredes-meias com a pastelaria Cairo. A loja, a NaKatyBrinca, ficava ali num cantinho delicioso, influências talvez do cheiro dos bolos da Cairo, que impregnava o ar, à desgarrada com a laca das senhoras de bem e com o suor dos empregados, os melhores de Lisboa.

A estrada passava a uns bons cinquenta metros da loja, mais autocarros que automóveis. O passeio estendia-se largo, com banquinhos onde se sentavam as cabeças de giz dos reformados. No Natal, a fila dava voltas e mais voltas, tudo muito civilizado sempre nas esquinas de Benfica, faturava-se muito nessa altura. Nas traseiras da loja, a zona de cargas, havia sempre um espaço de estacionamento reservado aos fornecedores, e era ver entrarem as bonecas, os triciclos, as cozinhas em miniatura, com o pormenor dos pequenos depósitos de água para quando se abria a torneira, esta a verter gotas de água de verdade, ou a luz cor de laranja dos bicos quando se acendia o fogão de plástico. As bolas, os peluches, caramba, até as caixas de cartão eram lindas.

O Dionísio do armazém do papelão ia lá buscar as caixas e até com isso o senhor Braz fazia algum dinheiro, que usava para pagar a mesada às duas filhas: a Natália e a Catarina, as gémeas loiras

de cabelo fininho e encaracolado, como massinha italiana. Natália e Catarina, pois era, NaKatyBrinca.

O senhor Braz vivia rodeado de felicidade mas não era feliz.

Juntava-se à pequena família no quarto andar direito onde moravam, por cima da loja, no mesmo prédio, claro. E lá estava a mulher do senhor Braz, a mãe das gémeas de cabelos *fusilli*, a dona Fátima. Essa, então, era uma verdadeira peça de artesanato rústico.

Nascida num campo de milho em Trás-os-Montes, correu por entre pernas da mãe enquanto ela sachava batatas, em direção a uma vida cheia de irmãos e irmãs, eram onze, mas depois dois morreram, pneumonia ou lá o que foi, ficaram nove, já nem se lembrava, tempos duros, aqueles, de frio, fome, minério e resina. Ela era a última. Uma vez, o pai foi dar com ela a mamar na mãe, que adormecera de cansaço contra a parede do palheiro, por baixo da casa. A Fátima bebé a mamar na teta da mãe a meias com uma víbora que chupava na outra mama, contemplando a criança como se fosse esta a sua cria, as duas já bêbedas do quente do leite. O pai viu a macabra cena, e não hesitou. Cortou a cabeça à víbora, pôs-se à procura do ninho, encontrou para aí umas vinte, matou tudo à paulada, e quando a mulher acordou, ainda zozza das mordidas da filha e da cobra ao peito, o marido mandou-a fazer uma sopa com as cobras. «Diz que são enguias do rio.» E bem se lamberam os irmãos enquanto a pequenita Fátima descansava no berço a cair, em serradura, comido por dentro pelos bichos da madeira.

A dona Fátima era ruiva como o fogo que sempre ardera no seu interior. A primeira vez que viu um pénis foi quando foi ter com o pai à mina. Ia levar vinho e broa, que o pai logo comeu, ainda preto na cara, na língua, nas mãos do pó do volfrâmio. A caminho de casa, tinha-se posto noite cerrada, passaram rente ao pinhal. Lá em baixo, um grupo de mulheres nuas, que dançavam e riam à volta de um grande lume e começaram a gritar cá para cima coisas que uma criança não entenderia.

«Vira-lhes as costas», ordenou o pai, enquanto puxava as calças para baixo e mostrava o sexo às bruxas, que ficaram loucas quando

ele começou a mijar pela ribanceira abaixo, o jato amarelo a bater fumos na superfície geadá e a deitar um cheiro que fazia com que, lá em baixo, elas se contorcessem de dores, fazendo esgares que pareciam o inferno a sorrir.

A pequena Fátima desobedecera, não se tinha virado, e viu tudo, e aquilo ficou-lhe gravado para sempre. Quando se tornou adolescente e descobriu que o que os homens tinham entre as pernas (uma espécie de cobra) era a melhor coisa que alguma vez havia experimentado, nunca mais parou, ávida, curiosa, feliz e realizada. E assim continuou, com os Nunes, os rapazes das entregas, com quem mostrasse entusiasmo, casamento fora, não importava.

— Amanhã vamos de férias. Tens tudo arrumado? E as miúdas? — perguntou-lhe o marido, o senhor Braz, que vivia rodeado de felicidade mas não era feliz.

E a mulher, a Fátima ruiva, filha de sua mãe, perfilhada por seu pai transmontano, na solidariedade dos montes, sabia-se lá se ela não era filha do Ruço, o atrasado lá da aldeia, com que as mulheres do campo gostavam tanto de brincar, de se sentar em cima dele, a Fátima já a pensar no Velasques do café, nas escapadelas ao pinhal, enquanto a mulher do Velasques estava na praia com os filhos e ele não voltava ao posto, na poncha do Madeirense, o marido sem reparar ou a não querer reparar... A mulher, dizia, atirou então para o ar da sala:

— Está tudo pronto, querido. Também já combinei com o homem dos jornais... — Ao fim de semana, montavam uma banca na esplanada do café, ideia do senhor Braz, despachavam alguns brinquedos mais pequenos e as pessoas gostavam de ler o jornal na praia, as palavras-cruzadas, mais umas raquetes de praia... — Já está tudo arrumado, as miúdas também já fizeram as malas.

A voz mole e quente da Fátima ruiva subiu um pouco, para finalmente se ir despenhar atrás do sofá, para se juntar a tantas outras frases e palavras vermelhas, da cor da mentira entre casais. Iam para a Lagoa passar férias. A dona Fátima ia às cobras, o senhor Braz ia aos cucos e ao que já se verá. E assim iam em casal e filhas. Na paz do Senhor.

O Raça tinha conhecido a Sandra na praia. Ela estendia a toalha um pouco acima dele, ao pé de onde abancava o pessoal fixe. Quase não tinha mamas, verdade seja dita. Não tinha mais de metro e meio, mas tinha um cu fenomenal. Queria lá o Raça saber das mamas. O cu da Sandra era rijo, saliente. Dava muita tesão a quem passava, velhos ou novos, fixes ou nem por isso, um cu de antologia, enfiado no padrão leopardo do seu minúsculo biquíni. Ela nunca usava parte de cima, tinha mamas quase invisíveis, o cabelo comprido, pernas musculadas, parecia uma minimodelo de revistas. No primeiro verão em que se repararam, lá curtiram na casa dos pais do Rui, que tinha uma cicatriz de queimadura no pescoço, tinha sido a mãe com uma cafeteira de leite a ferver.

Tanto o Raça quanto a Sandra passavam as férias numa tenda. Ele com os tios ao pé dos Velasques, no parque de campismo improvisado do café, com o barulho do gerador, o cheiro a frango assado e o latido esganado do pastor-alemão preso à corrente no chão, a morder com os olhos quem passava.

Ela abancava com a família mais para a frente, no meio do pinhal, sem vedações. Mãe e irmãs, porque o pai ficava no Lavradio, ou lá o que era, a trabalhar em agosto, a fábrica não fechava. Só vinha aos fins de semana, punha-se a beber como um camelo desde sexta, fim

de tarde, e no domingo à noite ia-se embora aos ziguezagues de boleia com quem calhava ir para os lados dele.

A mãe fazia-lhe a vida negra, à Sandra, não queria cá netos antes do tempo, que os homens queriam era abusar dela. Mas, no segundo verão, lá dormiram os namorados na casa do Rui, e gostaram tanto, mas tanto, que estavam juntos até agora, sempre com a cumplicidade da irmã mais nova — a mais velha estaria noutra, provavelmente na droga —, mas a mãe sempre a gritar com a Sandra, a do meio, a do alvo, a dos vinte pontos no vermelho. Quando o Raça foi à tenda comer o atum com batatas cozidas, a Sandra mostrou-lhe uma pequena cicatriz de quando a mãe lhe mandara uma faca às costas. *Putá da mulher, pensava ele, mas já estamos juntos há mais de cinco anos, essa é que é essa, tirei a carta de máquinas, sou novo mas ganho bem, amo a Sandra, nada de filhos, ou de casar, pelo menos não para já, que eu sou um homem, caralho, mas cada vez que entro na máquina e as lagartas percorrem a areia, na lentidão da infinidade dos seus grãos, tudo me lembra a Sandra, talvez a gente se case para o ano, vamos tendo idade de estender a toalha mais cá para baixo, mais para ao pé da água, onde ficam as famílias, mais longe do pessoal fixe lá de cima, que abanca ao pé da caruma caída dos pinheiros queimados pela ganza, à beira das ruínas das casa de férias.*

Eu cá ganho o meu dinheiro, conduzo a escavadora, pago os meus impostos, eu cá sou um homem, caralho, e hei de ser eu a abrir a Lagoa.

— **A**o menos não ando para aí todo mijado como o Rego — disse o futebolista quando a mulher lhe rosnou um «Onde é que andaste?», antes de ele entrar e se chatear com ela.

— Nem dás boa-noite aos teus filhos, meu bêbedo?

Ele tornou a sair, pegando no casaco de fato de treino, apanhou uma cana e andou, andou, andou para os lados da reserva natural, sob o céu da noite que se estendia, sem portas ou janelas, pelas luzes e rastos de luz das estrelas que lhe salpicavam a dimensão. Não estava para aquilo.

Saltou o portão da reserva natural com a ajuda da cana... ou assim imaginou... adentrou no pinhal e dirigiu-se àquela pequena baía onde o que restava da lagoa beijava uma praia pequenina de areia branca que, brilhante, o esperava. Não fora o turvo dos olhos, cheios de bagaço por dentro, o futebolista diria que conseguia ainda ver a sua silhueta marcada na areia, uma sombra mais escura, um cinzento sem ser negro, mas que sublinhava a pequena eiva onde o chão quebrava a uniformidade prateada daquele pequeno paraíso.

Alisou a areia, pousou a cana, tirou a garrafa de plástico do bolso, dobrou o casaco de fato treino em quatro, fez uma almofada, deu um golo daqueles que não se marcam, só se bebem, e deitou-se. Fechou os olhos ligeiramente e riu-se do que tinha dito à mulher sobre o Rego. Ainda o sol mal tinha nascido e já o Miguel Rego rondava as tendas do outro

lado da estrada, bêbedo que nem um cacho. Mais bêbedo que ele. Mais bêbedo que todos. O rei. Sempre rezando a sua oração «Ave Maria, cheia de Graça, mija na corda», e rindo, rindo muito num cochicho fininho daqueles que saem quando apertamos a barriga dum boneco de borracha.

Os campistas também se riam muito com aquele triste espetáculo, mas nem se chegavam perto dele, com nojo das barbas babadas e da nódoa de urina que se lhe arredondava ao meio das calças, antes da corda com que as atava. O senhor Modesto, dono do café, senhorio do parque de campismo, dava-lhe sempre roupa nova cada vez que o via, umas calças de ganga ou de fato de treino que alguém deixara para trás, mas o Miguel Rego não queria saber, mijava-se sempre, deixando correr a cerveja, os copos de vinho branco pernas negras abaixo, de dentro da bexiga cada vez mais curta para tanta bebida. Ave Maria, cheia de açúcar, mija na corda.

Ele, o futebolista, conhecera o melhor entre os negros. Jogara à bola com ele, mas já não se lembrava se na mesma equipa, se contra ele. Talvez as duas coisas. Lembrava-se mais era do cheiro da relva acabada de cortar, da cal contra a qual o espetavam os brutos quando os punha à rabia atrás da bola — ele dizia àrabia, tudo junto mesmo assim, como lá na rua e nos torneios à noite, ainda com as pernas inteiras, as miúdas a fazerem-lhe festas com os olhos no cabelo comprido. Fez-lhe sempre impressão ter de jogar à noite, com aqueles holofotes todos nas pontas do estádio, estava-se bem melhor ali, no isolamento da baía, a ouvir os grilos, as mudanças silenciosas das correntes. Largou a garrafa vazia, estendeu os braços e deixou-se ir, porque quem o puxava era gente amiga.

Acordou passadas duas horas, ainda de noite, esfregou os olhos, e à sua frente, num pinheiro, ali estava ela, a coruja branca a piar para ele, com o arregalo dos olhos, como obturadores de máquinas fotográficas. Sentou-se a contar-lhe as penas e perguntou-lhe porque lhe tinha aparecido ela outra vez. A coruja não respondeu e ficou ali a jogar ao sério, até que se fartou e voou para a profundidade do pinhal.

O futebolista ainda lhe viu a penugem branca, como uma seta na noite, as asas abertas, mas não muito, um voo suave, de cruzeiro. A coruja pousou numa árvore que ele já mal conseguia ver dali. Parecia que o chamava. Mas ele não foi.

Fez o caminho inverso, sóbrio da noite, embalado pelas estrelas, abriu a porta da barraca, foi para a cama, sentiu o corpo da mulher, mais novo que o seu, os seus cheiros confundiram-se na proximidade do catre.

— Chega-te para lá — ordenou.

E a mulher assim fez. Ele deitou-se, menos bruto do que quando se levantou essa mesma manhã para ir fazer golos de livre a troco de bagaços, adormeceu, nem depressa, nem devagar, sonhou com a coruja que não o largava, a sobrevoar uma casa que parecia respirar, isolada por entre os pinheiros, a arfar maldades que só dois ou três conheciam no espaço de um sonho, mas que outros reconheceriam nos requintes do futuro, de um pesadelo sem fim.

TUDO É KANIMAMBO

Num verão de que não há memória na Lagoa de Albufeira, Vítor Batista (ex-futebolista caído em desgraça e alcoólico), o Doutor Paulo (um deputado da nação que tenta esconder um segredo obscuro), o Senhor Braz (dono de uma loja de brinquedos em Benfica, que podia ser feliz, mas não consegue) e o Raça (um operador de máquinas com um sonho simples), quatro homens com pouco em comum, veem-se, contra todas as expectativas, subitamente envolvidos numa espiral de sexo, vergonha, castigo, justiça popular, crimes sexuais, homens e demónios.

Entre o *thriller* e a narrativa *hardcore*, *Café Kanimambo*, segundo romance de Fernando Ribeiro, é a confirmação do autor como uma das vozes mais acutilantes e provocadoras da nova ficção nacional, num livro perturbante que não deixará ninguém indiferente.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789897846090



9 789897 846090 >